



SINDICATO NACIONAL DOS MAQUINISTAS DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Exmos. convidados.

Caros companheiros das várias estruturas representativas de trabalhadores.

Exmos. investigadores.

Caras e caros colegas:

Agradecemos a todos terem aceite o nosso convite, em particular aos representantes das várias empresas e organismos do estado, o que confere relevância pública a esta sessão, atribuindo-lhe a dimensão que o assunto merece.

Permitam-nos desde já um especial agradecimento ao presidente e ao secretário do ALE, federação de sindicatos de maquinistas europeus, por todo o trabalho desenvolvido junto da ERA (agência ferroviária europeia) representando os agentes de condução ferroviários.

O convite que vos endereçámos é bem mais do que simbólico: em primeiro lugar, porque a nossa ligação ao movimento sindical europeu é de capital importância, temos consciência de que a solidariedade internacional é essencial para a dignificação do trabalho dos maquinistas.

A vossa intervenção direta nas instâncias de Bruxelas, como parceiro social, é de especial relevância para que a regulação do sistema seja efetiva, para que o quadro normativo de formação dos trabalhadores por nós representados e sua certificação seja harmonizado, com regras supranacionais para toda a união europeia, combatendo o dumping laboral que resulta do neoliberalismo, mas também, e não de somenos importância, nas diligências necessárias no cumprimento do emanado da Diretiva de Segurança por todos os atores do sistema.

Reconhecendo que as organizações regulatórias europeias assumem um papel primordial porque traçam as linhas e métodos comuns e suportam as regras gerais, tarefa importante, mas contudo, não garantem obviamente a salvaguarda dos direitos dos trabalhadores, não evitam a precariedade que alastra e a incidência de contratos individuais de trabalho que tendem a prevalecer sobre os instrumentos coletivos.

A isto soma-se a subalternização dos interesses das empresas ferroviárias aos dos gestores de infraestruturas, práticas que têm reflexo, nomeadamente no caso português, nas condições de trabalho do pessoal itinerante no que respeita à utilização em segurança de instalações fixas, como sejam caminhos pedonais com boa iluminação, lajetas e plataformas de acesso ao material motor parqueado, bem como a boa disponibilização de espaços sociais comuns.

Exmos. senhores,

A atual Direção do SMAQ, quando há 3 anos tomou posse e decidiu promover estes estudos, tinha em vista desde logo conhecer de forma mais rigorosa e sistemática a realidade do trauma que ensombra a nossa profissão. Acreditávamos que merecia o rigor do conhecimento científico aportado pela experiência e reconhecido mérito dos autores.

Como ficou amplamente demonstrado ao longo desta sessão, a nossa causa não é iníqua, é sólida. Os dados científicos mostram o bom fundamento das preocupações que levaram à realização destes estudos. Há, de facto, uma doença camuflada, sub-reptícia, silenciosa, que alastra na nossa carreira profissional. E doença é o termo certo. O trauma decorrente das colhidas na via-férrea tem uma elevada incidência e o seu efeito psíquico se permanece no tempo, deve ser reconhecido, na nossa opinião, como doença profissional.



SINDICATO NACIONAL DOS MAQUINISTAS DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Como bem expressa a Convenção sobre a Segurança, a Saúde dos Trabalhadores e o Ambiente de trabalho, da OIT, no seu Artigo 3º alínea e), convenção subscrita pela resolução da Assembleia da República n.º 112/2010:

“o termo “saúde”, na relação com o trabalho, não visa apenas a ausência de doença ou de enfermidade; inclui também os elementos físicos e mentais que afetam a saúde diretamente relacionados com a segurança e a higiene no trabalho”

Os estudos hoje apresentados pretendem apoiar a concretização de soluções, colocando o foco na urgência da intervenção e adoção de medidas que promovam uma melhoria das condições de trabalho, nomeadamente protegendo a saúde dos trabalhadores da Tracção, condição essencial para a manutenção dos níveis de segurança ferroviária, matriz deste modo de transporte.

O quadro de exaustão emocional, o stress, o trauma decorrente dos atropelamentos na via-férrea, o vivenciar a morte e a interiorização dessa culpa, ainda que apenas percebida e não objetiva, é situação sem paralelo em mais nenhuma profissão, com custos acrescidos para todos. As evidências mostram que todo este quadro de sofrimento psíquico está relacionado com um pior desempenho profissional, maior absentismo e maior percentagem de acidentes de trabalho.

Há ainda um custo intangível que não se encontra representado nas estatísticas, que é o imensurável sofrimento que perpassa para o ambiente familiar. Esta realidade é violenta e cruel, já que a investigação e a prática demonstram que este sofrimento é, em grande medida, evitável, com medidas a montante, com um acompanhamento efetivo e não pontual aos trabalhadores que o solicitem no âmbito da medicina do trabalho, com gabinetes de apoio psicológico.

A assunção deste problema não deve ser por isso mera retórica, mas um trabalho conjunto, incorporado pelos sujeitos coletivos. Apesar disto constata-se que a maioria das empresas se limita a cumprir tão-somente as normas legais, colocando de parte a análise fina dos múltiplos fatores que relacionam o ambiente de trabalho e a saúde mental, sem delinear estratégias preventivas.

No âmbito da formação inicial de maquinistas, ainda que apenas com efeito paliativo, consideramos importante a existência de um módulo que aborde a temática das colhidas na via, com normas gerais de comportamento, sem ignorar a especificidade de cada caso, a interação, após o acidente, com os agentes da autoridade (bastas vezes também fonte de stress) e o reconhecimento e identificação de sinais de alerta posteriores que fujam aos parâmetros pessoais de saúde.

Não pretendemos naturalmente ignorar que existem múltiplas variáveis implicadas na saúde dos trabalhadores, no sentido mais amplo, como a idade, a resistência genética, os hábitos de vida, variáveis que escapam ao controlo, pelo que cabe efetivamente atuar sobre as que havendo possibilidade de melhoria poderão minorar as primeiras.

Referimo-nos desde logo às melhorias da ergonomia dos postos de trabalho, à elaboração de escalas de serviço que atenuem o efeito nefasto da alteração do relógio biológico e permitam conciliar a vida pessoal e profissional, à justa remuneração e à existência de acordos de empresa. É que não podemos deixar de referir que os trabalhadores que responderam afirmativamente, e acima de 70%, à pergunta “Está a pensar mudar de empresa?” não se encontram abrangidos por qualquer instrumento de convenção coletiva negociado entre o sindicato e a entidade patronal.

Comprova-se desta forma que a inexistência de um AE regulador é fator de desmotivação, insegurança, menor identificação e menor empatia com a empresa, fatores que também concorrem para uma menor harmonia mental.



SINDICATO NACIONAL DOS MAQUINISTAS DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Exmos senhores,

As evidências científicas e o conhecimento prático demonstram que os fatores físicos no local de trabalho têm especial relevância na saúde, com efeito direto em patologias músculo-esqueléticas, induzindo doenças psicossomáticas.

O ruído excessivo, a má iluminação, as vibrações, as temperaturas extremas, as radiações eletromagnéticas, aliados ao desgaste acentuado inerente ao trabalho por turnos, característica da profissão, têm efeitos nefastos e são fatores contributivos para o anteriormente elencado.

A melhoria das condições de trabalho é, pois, uma questão social, económica e política que urge ser resolvida. Como comprovam os estudos promovidos pelo SMAQ agora apresentados, não nos eximimos ao papel de aprofundar o conhecimento necessário à sua melhoria, nem à denúncia que a divulgação destas conclusões pressupõe.

Resistiremos à tentação de sermos empurrados a optar entre as questões de saúde e a necessária valorização salarial. Para nós um assunto não se subordina ao outro, não são mutuamente exclusivos e a sua resolução pode e deve ocorrer em paralelo.

Será este, sem concessões, o nosso empenho. O problema existe, ignorá-lo não é solução.

Agradecemos a vossa disponibilidade para nos acompanharem neste momento, ficámos honrados com a vossa presença,

muito obrigado.

António Domingues

Presidente do SMAQ